

Pesquisas sobre os Fenômenos Espiritualistas



© 2026 – Conhecimento Editorial Ltda

Pesquisas sobre os Fenômenos do Espiritualismo

WILLIAM CROOKES

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradução: Leonardo Neves Duarte

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Banco de imagens
(Freepik IA)

ISBN 978-65-5727-217-6

1ª Edição – 2026

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Crookes, William

Pesquisas sobre os Fenômenos do
Espiritualismo / William Crookes – Limeira, SP:
Editora do Conhecimento, 2026.

296 p.

ISBN: 978-65-5727-217-6

1. Espiritismo 2. Espiritualismo moderno 3.
Pesquisas psíquica 4. Espiritismo - História I.
Título

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo

William Crookes

Pesquisas Sobre os Fenômenos do Espiritualismo

Tradução:
Leonardo Neves Duarte

1ª edição – 2026



RESEARCHES
IN
THE PHENOMENA
OF
SPIRITUALISM.

BY
WILLIAM CROOKES, F.R.S.

[*Reprinted from* THE QUARTERLY JOURNAL OF SCIENCE.]

LONDON:
J. BURNS, 15 SOUTHAMPTON ROW, HOLBORN, W.C.
1874.

PESQUISAS
SOBRE
OS FENÔMENOS
DO
ESPIRITUALISMO

Por
WILLIAM CROOKES, F.R.S.

[Reimpresso de *The Quarterly Journal Of Science*]

LONDRES:
J. BURNS, 15 SOUTHAMPTON ROW, HOLBORN, W.C.
1874.

Quem somos?	9
Sobre a obra	10
Sobre a tradução.....	14
Prefácio.....	15
Referências bibliográficas.....	62
Espiritualismo visto sob a luz da ciência moderna ...	64
Investigações experimentais de uma nova força	72
Alguns outros experimentos.....	85
sobre a força psíquica	85
Força psíquica e espiritualismo moderno.....	117
Correspondência	155
Notas de uma investigação sobre os fenômenos denominados espirituais	171
Teorias para explicar os fenômenos observados	195
A Mediunidade da srta. Florence Cook.....	200
Espírito-formas.....	203
A partida de Katie King.....	208
Apêndice	
A ausência das fotografias originais de Katie King: causas documentais e historiográficas	215
A realidade de Katie King	226
Discurso de William Crookes em 29 de janeiro de 1897.....	236
Parte do Discurso Presidencial proferido na British Association, em Bristol, setembro de 1898	262
Entrevista com William Crookes	268
Notas finais	274

Quem somos?



A Sociedade Kardecista de Estudos Espíritos (SKEE), fundada em 2024, reúne estudiosos do Brasil e do exterior dedicados ao aprofundamento das obras de Allan Kardec, com o objetivo de promover o estudo do Espiritismo numa abordagem científica e filosófica, visando à formação de espíritos conscientes e atuantes na transformação moral e social.

Além das Obras Fundamentais, a SKEE valoriza autores comprometidos com o kardecismo e pesquisadores relevantes do espiritualismo, mantendo viva sua dimensão crítica e progressista.

Atualmente, dedica-se à produção de traduções rigorosas de obras clássicas do Espiritismo e do espiritualismo, em parceria com a **EDITORA DO CONHECIMENTO**, contribuindo para a difusão e o acesso a esses conteúdos. Este volume integra esse projeto.

O presente volume apresenta a tradução de *Researches in the Phenomena of Spiritualism*^[1], obra originalmente publicada em 1874, em Londres, sob o selo editorial de J. Burns, figura central da imprensa espiritualista inglesa do século XIX. Seu autor, William Crookes (1832–1919), não era um diletante ou entusiasta ocultista, mas um dos mais proeminentes cientistas britânicos do período vitoriano. Físico e químico de carreira reconhecida, Crookes foi membro da Royal Society, editor do *Quarterly Journal of Science* [*Jornal Trimestral de Ciência*] e responsável pela descoberta do elemento tálio (Tl); além disso trouxe contribuições decisivas para o desenvolvimento da espectroscopia e do tubo de Crookes, dispositivo que se tornaria fundamental para a tecnologia dos raios catódicos e, posteriormente, da televisão.

É dentro desse panorama que esta obra deve ser compreendida: não como um tratado doutrinário, mas como *o registro de uma investigação científica sistemática aplicada aos fenômenos então atribuídos ao chamado “espiritualismo moderno”*.

Desde as Irmãs Fox, em 1848, passando pelas sessões de mesas girantes e pela disseminação de círculos mediúnicos na Europa e América do Norte, o espiritualismo havia se tornado objeto de intensa discussão pública. Ao mesmo tempo em que atraía multidões, era alvo de acusação constante de charlatanismo, histeria ou ilusão coletiva. O mérito da obra de Crookes está precisamente no fato de que ele não rejeitou o fenômeno *a priori* – atitude frontalmente contrária ao espírito predominante na Royal Society de sua época, que considerava tais investigações indignas do laboratório científico.

[1] CROOKES, William. *Researches in the phenomena of spiritualism*. London: J. Burns, 1874. Reimpresso de *The Quarterly Journal of Science*. [N.E.]

Crookes, no entanto, sustentava que negar um fato antes de investigá-lo é, por si só, atitude anti-científica. Seu método, exposto de maneira clara ao longo deste livro, afirma que a ciência não deve decidir o que pode ou não existir com base em pressupostos filosóficos, ou até pessoais, mas sim mediante observação rigorosa, repetição controlada e registro instrumental. O objetivo declarado não era provar a existência de espíritos, mas examinar, em condições experimentais, fenômenos amplamente relatados.

Grande parte dos textos reunidos aqui já havia sido publicada originalmente no *Quarterly Journal of Science*, entre 1870 e 1871, e posteriormente compilada em volume. A presente edição segue a edição londrina de 1874, a primeira em formato de livro. Ainda que diversas reimpressões posteriores tenham surgido, inclusive no início do século XX, não há evidências de alterações substanciais de conteúdo. O que encontramos são rearranjos de tipografia, variações de prefácio e ocasional normalização de notas. Assim, esta tradução parte da forma documental mais próxima do texto efetivamente divulgado por Crookes em vida.

Entre os casos examinados, destaca-se a investigação da médium Florence Cook e a manifestação atribuída ao espírito denominado “Katie King”. Este episódio se tornou um dos mais célebres da história do espiritualismo. Crookes realizou sessões experimentais na própria residência, com controle sobre a iluminação do ambiente, medição de peso, inspeção física da médium antes e depois das sessões e presença de observadores independentes. A aparição de uma figura humana distinta da médium — em altura, voz e feições — e com capacidade de locomoção e interação física, é descrita de forma detalhada e acompanhada de notas e declarações de testemunhas.

É importante notar que Crookes não conclui (ao menos em suas pesquisas com D. D. Home e que fazem a maior parte deste livro), que tais manifestações provam a sobrevivência da personalidade após a morte. O que ele sustenta é que a hipótese pura-

mente mecânica (fraude consciente) e a hipótese exclusivamente psicológica (alucinação) não explicam integralmente o conjunto observado. Seu texto é cuidadoso, frequentemente advertindo o leitor a distinguir relato de interpretação. Em vários momentos, Crookes ressalta a necessidade de separar o fenômeno bruto das teorias que procuram explicá-lo.

A recepção da obra foi polarizada. Parte da comunidade científica considerou que Crookes havia comprometido sua credibilidade ao se envolver com médiuns e sessões particulares. A Royal Society, embora não o tenha expulsado, recebeu sua investigação com desconforto, preferindo ignorá-la. Entretanto, seu prestígio era sólido o bastante para que tal rejeição não inviabilizasse sua carreira: ele continuou a publicar, recebeu o título de cavaleiro (*Sir* William Crookes) em 1897 e ocupou a presidência da Royal Society entre 1913 e 1915. Essa continuidade é significativa porque demonstra que, diferentemente de outros pesquisadores desacreditados, Crookes não foi considerado um impostor, mas alguém que se aventurou em uma área considerada imprópria pelo consenso de sua época.

O contexto cultural do século XIX é fundamental para compreender a importância desta obra. O espiritualismo emergiu em uma sociedade marcada pelo conflito entre ciência materialista, religião institucionalizada e surgimento de correntes místicas que buscavam conciliar moralidade, simbolismo e observação empírica. Autores como Andrew Jackson Davis, Thomas Lake Harris e círculos de inspiração mística constituíam um ambiente no qual a ideia de comunicação entre planos era discutida como hipótese filosófica e existencial, não apenas supersticiosa. O interesse de Crookes situa-se nesse espaço liminar entre ciência e metafísica: investigar sem recusar e observar sem acreditar por antecipação.

É relevante notar que esta obra foi frequentemente citada por espíritas, teosofistas e ocultistas, embora Crookes não se filiasse formalmente a nenhuma dessas correntes. Para ele, a questão essen-

cial era epistemológica: **“Como a ciência deve tratar fenômenos que desafiam seus modelos explicativos atuais?”**. A resposta que Crookes oferece consiste em *reafirmar o método experimental, mas defendendo que a ciência não deve impor limites ao objeto de investigação com base em convenções culturais ou metafísicas*. Em outras palavras, a ciência deve manter-se aberta ao desconhecido, desde que o procedimento seja rigoroso.

Por esse motivo, este livro possui relevância contemporânea. O problema que Crookes coloca continua central nas ciências modernas. A Física quântica, a Neurociência da consciência, a Psicologia experimental e a Filosofia da mente lidam, cada uma a seu modo, com o limite entre o observável e o interpretável. Se Crookes não encerrou o debate, ele ao menos contribuiu para mostrar que as fronteiras do conhecido são historicamente construídas, e que aquilo que hoje é considerado impossível pode tornar-se objeto de ciência amanhã.

A presente tradução busca manter fidelidade formal ao estilo do autor, preservando estrutura, terminologia técnica e precisão descritiva. Diferentemente de adaptações que simplificam o texto em linguagem moderna, esta edição procura ser filologicamente transparente, isto é, fornecer ao leitor de hoje acesso ao pensamento científico de Crookes tal como ele foi formulado, sem anacronismos ou reduções.

As notas de rodapé distinguem-se conforme o seguinte padrão:

N.O. — *Nota da edição original*, sejam do autor ou da edição, preservada fielmente.

N.T. — *Nota do tradutor*, usada apenas quando necessária para questões de tradução que não encontram equivalência no português.

N.E. — *Nota do editor*, usada para contextualizar, trazer referências históricas, esclarecer termos ou indicar fontes complementares verificáveis.

UMA PONTE ENTRE WILLIAM CROOKES E ALLAN KARDEC

Luiz Gustavo Oliveira dos Santos

Uma das perguntas suscitadas pelo título deste livro é: como alguém poderia investigar, de maneira séria, os chamados fenômenos do espiritualismo?

O renomado cientista inglês William Crookes desenvolveu um método de pesquisa desses fenômenos. Tinha, é certo dizer, pretensões deliberadamente restritas, buscando registrar e descrever com máxima precisão suas observações, de forma isenta e evitando, no âmbito estritamente experimental, comprometer-se com a determinação definitiva da causa dos fatos, isto é, a dar afirmações sobre “espíritos”.

O pedagogo francês Allan Kardec, por sua vez, foi mais longe. Após obter resultados positivos em suas investigações sobre os fenômenos, elaborou todo um método científico visando estruturar o que chamou de “ciência espírita”, a fim de estabelecer, pela observação dos fatos, a realidade do espírito. A partir daí, desenvolveu ainda, racionalmente, consequências filosóficas ligadas, e sempre sujeitas, a essas observações.

Vamos abordar essas propostas de trabalho e fazer uma comparação entre elas.

I. 1. O método e as descobertas de William Crookes

Tendo já notória reputação científica, William Crookes empreendeu investigar o que, para muitos membros das Academias e de Sociedades Científicas da época (e de hoje), decerto se prestaria a difamação. Os ditos fenômenos do espiritualismo tinham lugar na sociedade da época, “pedindo” por uma explicação, porém, só amadores ou místicos se atre-

viam a se aproximar e tratar deles sem temor, o que os mantinha sob o véu do mistério, do inexplicável, do duvidoso. Muitos cientistas da época, considerados “espíritos fortes”, tendiam a negá-los de antemão – diríamos mesmo, *a priori*. Para eles, de duas, uma: ou simplesmente nada disso existia, sendo imaginação do que chamavam “mentes fracas”, ou tudo não passava de fatos já conhecidos, mas cuja explicação não foi devidamente aplicada (a mais óbvia sendo, para muitos, simplesmente fraude).

Mas, a bem dizer, a ciência não deve *a priori* excluir fatos das suas investigações. Ela deve pesquisar tudo, sem juízos prévios, sem preconceitos, sem preocupação com a origem ou o significado que as pessoas dão a esses fatos. Ao menos, assim pensava William Crookes. E foi com essa disposição que ele enfrentou o desafio. Se os chamados fenômenos do espiritualismo fossem ilusões ou fraudes, a investigação chegaria a esse veredito; assim, não havia por que evitar encará-los. Então, com a mente aberta, mas mantendo o ceticismo e a incredulidade, ele se dirigiu a importantes nomes envolvidos pela fama de produzirem reais fenômenos “mediúnicos” ou “psíquicos” (conforme chamados então), nos quais a admiração superava a suspeita.

Esse eminente homem de ciência durante as suas notáveis experiências psíquicas (...), mais precisamente de 1870 a 1874, serviu-se de médiuns respeitáveis e honestos, tais como Miss Florence Cook, D. D. Home e Miss Kate Fox, os quais foram rigidamente inspecionados durante os trabalhos, não aparecendo, nas sessões por ele orientadas, nenhum indício de fraude ou mistificação. (...) No entanto, o professor Crookes, humildemente, nos revela que, no começo de suas experiências sobre os fenômenos psíquicos, julgou que tudo não passava de uma trapaça, com o que concordavam os seus colegas cientistas. (BUENO, 2006, p. 126.)

Reforçando o rigor da investigação, aperfeiçoando o método a cada experiência, seu ceticismo inicial foi dando lugar a uma admissão: a da constatação dos fatos. Pelo que observava, não via como negar os

resultados – para dissabor da comunidade científica, que esperava que ele, já que se propôs a examinar, ao menos desse fim a esse “modismo”. Crookes sofreu alguns ataques mais mordazes, contudo, sem perder sua posição no meio científico. Dando-se por satisfeito com suas observações, voltou-se, nas décadas seguintes, mais às pesquisas em Física e Química, porém, jamais renegando os resultados do que obteve nesse período (conforme discursos e entrevistas feitos no final de sua vida, incluídas neste volume). Focaremos aqui nas pesquisas do espiritualismo. Como esse experimentador atuava? Qual o seu método? Quais os seus instrumentos?

- Primeiramente, o próprio William Crookes trata de diferenciar a sua abordagem daquela feita pelos amadores, místicos ou adeptos da crença no espiritualismo. Seu *espírito científico* fica bem atestado na comparação que ele fez entre a atitude do *espiritualista* e a do *cientista*, quando estão diante dos mesmos “fatos estranhos”:
- O *espiritualista* fala de corpos pesados se elevando no ar sem força conhecida; de pancadas produzidas em diferentes partes de um quarto quando pessoas estão sentadas ao redor de uma mesa; de quartos e casas sacudidos por um poder sobre-humano até ao ponto de serem danificados; de pesados trastes em movimento de um aposento a outro sem ação do homem; de frutos ou seres vivos trazidos através de janelas fechadas ou mesmo sólidas paredes de tijolos.

Por sua vez, o *investigador científico*, o *experimentador*, o *homem de ciência*, diante de tudo isso, fazendo uso de balanças sensíveis a dez milésimos de um grama, tem base para pedir que esse poder supostamente guiado por uma inteligência faça mover esses instrumentos tão delicadamente equilibrados; ele pede que um pêndulo sob uma campânula de vidro seja posto em vibração; tem, decerto,

direito de duvidar da exatidão das observações efetuadas se a tal força for impotente para mover de um simples grau o indicador de seu medidor; ele pede que um peso adicional seja depositado num dos pratos de sua balança quando a caixa estiver fechada a chave; pede que se introduza uma ínfima porção de arsênico através das paredes de um tubo de vidro no qual está água pura hermeticamente fechada; enfim, “pede que as ditas manifestações se produzam no seu laboratório, onde ele as poderá pesar, medir e submeter a seus próprios ensaios”. (Cf. CROOKES, *Fatos Espíritos*, Introdução, p. 15-17.)

É esta última postura que ele mesmo adotou em suas pesquisas sobre os fenômenos em questão.

Crookes sempre esteve ciente de que a ciência não está toda feita, acabada; mas que ela se faz com o tempo a partir da disposição dos investigadores em aplicarem os devidos métodos ao estudo dos diversos objetos que se apresentam. A “estranheza” de um fenômeno não deve ser motivo para afastar o investigador. Ao contrário, por parecer inexplicado é que este deve se prestar a experimentar, testar, até alcançar os dados necessários, quer eles se enquadrem em paradigmas vigentes, quer levem a inaugurar novos campos de pesquisa.

O método que ele utilizava nessas experiências era uma forma adaptada daquele utilizado nas próprias Ciências da Natureza, como a Física, mas afeiçoado para esquadrihar os fatos do espiritualismo selecionados para o seu estudo. As precauções deviam ser máximas, visto que sabia que podia estar lidando com mágicos de alta *performance*, do porte de J. Robert-Houdin, se passando por “médiuns”.

Não estabelecendo propriamente uma ciência do espiritualismo, mas apenas investigando eventos específicos, Crookes elaborou um *método de pesquisa fenomênica*. Para cada tipo de fenômeno, estipulava maneiras próprias de captar, sondar, medir, registrar, eliminar fraudes relacionadas ao fato. Assim, por exemplo, para investigar a “força psíquica” junto de Daniel D. Home, fabricou uma gaiola

com um acordeão dentro, particular para uso neste tipo de efeito. Já, para investigar Florence Cook e a materialização de Katie King, esse instrumento não era necessário, mas outros foram usados e mesmo a ambientação inteira foi preparada. Cada gênero de fenômeno, portanto, exigia critérios, testes, formas de registro próprios.

Apesar disso, é possível notar o *modus operandi* que perpassa suas pesquisas, constituindo o que podemos chamar de seu *método de pesquisa dos fenômenos do espiritualismo*. De maneira bastante resumida e geral, esboçamos aqui esse método:

Método de Crookes para pesquisa dos fenômenos do espiritualismo

1) *Disposições prévias: suspensão do juízo aliado ao ceticismo metodológico*; não partiu de crenças precedentes, mas buscava explicitamente apenas testar os fatos com controle, determinar se os fenômenos produziam efeitos mensuráveis;

I. Processo de investigação

2) *Seleção do fenômeno*: categorizou os fenômenos por tipos, como: movimentações de objetos sem contato, produção de sons (*raps* ou pancadas), variações de peso, elevação de corpos, força invisível, materialização etc. (cf. CROOKES, *Fatos Espíritos*, “Fenômenos espíritos”);

3) *Preparação do ambiente experimental*: sala previamente examinada, inspeção de móveis, controle de iluminação, limitação e posicionamento dos participantes, verificação do médium. Visava identificar/eliminar fraude e interferência externa;

4) *Isolamento físico do médium*, conforme o tipo de experimento, quando possível: amarrar ou segurar mãos e pés do médium, vigilância contínua, separação de objetos testados. Importante nos testes de força;

5) *Uso de instrumentos de medição*: os fenômenos deviam ser quantificáveis, trazendo resultados em variação de peso, força, distância, frequência, densidade etc.;

6) *Registro imediato dos dados*: anotações durante ou logo após a sessão, com descrição precisa das condições, separando a observação das inferências;

7) *Diferenciação entre fato e explicação*: a constatação do fenômeno *não implicava no conhecimento pleno da causa*, evitando fazer formulação metafísica definitiva;

8) *Repetição sob variadas condições*: de iluminação, distância, instrumentos, posições, a fim de testar a consistência do efeito;

9) *Tentativa ativa de refutação*: provocando falhas no fenômeno, criando condições adversas que revelariam fraude;

10) *Publicação para escrutínio*: publicidade dos resultados com descrição detalhada, submetendo à crítica geral.

Para se ter uma ideia dos diversos instrumentos científicos utilizados em suas experiências, listamos, entre eles: *balanças de precisão*, para medir variações de peso de pessoas e objetos; *dinamômetros*, para quantificar a tração ou a pressão exercida, detectando a força invisível aplicada aos objetos; a *gaiola de arame* já indicada, para impedir contato com um acordeão colocado em seu interior e verificar a produção de som; iluminação controlada, com *lâmpadas*, *velas* e, algumas vezes, *luz de magnésio*; *câmeras fotográficas* de exposição prolongada; *mobiliário posicionado*, marcado e previamente inspecionado; *instrumentos de medição fisiológica*, como pulsação e respiração, etc. Recordando que esta se trata de uma lista resumida e geral, pois em cada tipo de sessão, como dissemos, eram usados instrumentos apropriados, não todos.

Passemos para a descrição do próprio autor acerca do controle que tinha sobre os experimentos, prevendo-se para que o ambiente, com o qual buscava ter máxima familiaridade, estivesse conforme suas exigências e não houvesse ocasião para que outra pessoa, fosse um convidado ou um médium, levasse algo não inspecionado ou agisse fora do que ele havia estabelecido, segundo seus rígidos critérios.